

PROSEANDO COM ...

Vânia Rubia Farias Vlach é uma referência no ensino da Geografia crítica. Nascida em São Paulo, graduou-se e fez mestrado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Desde o início de suas experiências docentes, no Ensino Fundamental e Médio em escola pública e particular, a Prof. Vânia participa do movimento de renovação da Geografia, refletindo sobre os pressupostos e fundamentos deste campo de conhecimento. Seu trabalho e sua participação em debates que envolvem as diversas dimensões curriculares desta disciplina têm contribuído para o desenvolvimento do espírito crítico no ensino da Geografia escolar. É autora de livros, de artigos científicos publicados em revistas de Geografia, Educação, Filosofia, entre outras, e, também, de uma das primeiras coleções de livro didático na perspectiva crítica para o Ensino Fundamental. Doutora em Geografia pela Université Paris VIII, é professora e orientadora de pesquisa no curso de mestrado do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Conheça alguns pontos de vista dela sobre questões como a Geografia e o professor, a escola e o mundo, em entrevista concedida a Olhares & Trilhas.

(Maio, 2001)

1. A instituição escola está diante de um impasse: a dinâmica da sociedade avança sob redes e fluxos da mundialização e a escola não tem dado conta de acompanhar esse conjunto de transformações sociais, seja das novas tecnologias, seja das referências culturais dos alunos. Como pesquisadora na área de ensino, no campo da Geografia, o que a Dra. Vânia Vlach elege como contribuição fundamental da Geografia escolar para a vida dos jovens no mundo de hoje?

Eu penso que trabalhar a noção de cidadania e desenvolvê-la contribui para a vida do jovem no mundo de hoje, na medida em que, quando falamos em cidadania, nós não podemos nos restringir ao local. Evidentemente, este local (ou este nacional) tem que ser referenciado ao mundial... em nível de mundo. E, neste sentido, me parece que, se nós, como professores de Geografia, trabalharmos a cidadania em suas várias escalas, poderemos fazer com que esse jovem se interesse em acompanhar este mundo das redes, mas, principalmente, se interesse por compreender a

dinâmica do funcionamento do mundo das redes, de tal maneira que ele vá além de uma compreensão mecânica, isto é, que ele compreenda o que está por detrás das redes, e aí trabalharíamos questões ligadas ao político, ligadas à política e ligadas aos valores. Nós não podemos pensar o jovem no contexto de hoje sem nos referenciarmos aos valores, valores culturais. E, evidentemente, o respeito pela cidadania implica no respeito pelo outro. Quando eu sou cidadã, quando eu me vejo como cidadã, eu também estou em condições de ver o outro como cidadão. Em outras palavras, eu respeito o outro como cidadão. Agora, como é que eu vejo o outro como cidadão, um outro que é culturalmente diferente de mim? Nesse momento entram em cena os valores culturais. E me parece que, como professores de Geografia, nós podemos e devemos trabalhar a questão dos valores em sala de aula, nos diferentes conteúdos. O ideal, inclusive, é avançarmos sob uma perspectiva interdisciplinar; a questão dos valores pode se beneficiar se contarmos com a

colaboração de outros profissionais como, por exemplo, o profissional da História. Eu considero extremamente importante trabalharmos e repensarmos a noção de cidadania. Repensarmos essa noção sob uma perspectiva crítica e também sob uma perspectiva criativa, para conseguirmos motivar esse aluno à cidadania. Agora, outra coisa extremamente importante, pensando nos jovens, diz respeito a sua curiosidade. Essa curiosidade inata pelo mundo, a sua vontade de descobrir o mundo, a sua vontade de, digamos assim, se apropriar do mundo, mudar o mundo... Então, se nós passarmos a dar aulas criativas, podemos contribuir para que ele desenvolva a imaginação. E a imaginação é extremamente importante, inclusive na perspectiva da busca de alternativas, na busca de soluções para as questões com as quais nós nos defrontamos. Porque o jovem, na verdade, começa a perceber que o mundo é extremamente complexo. E essa complexidade, como é que ele vai compreender a complexidade do mundo, como ele faz para

compreender essa complexidade do mundo? Parece-me que aí está a nossa responsabilidade ou, pelo menos, uma parte de nossa responsabilidade. E eu penso que é estimulando o aluno a compreender o mundo, a compreender a sua própria realidade, que ele começa por compreender a sua realidade... essa inter-relação de escalas é extremamente importante. Acho que deveríamos despende algum tempo em sala de aula para discutirmos a questão das escalas. Parece-me que é uma maneira de levar o aluno a repensar o seu mundo e o mundo no sentido mais amplo, de tal maneira que ele faça as relações entre o local, o regional, o nacional, o mundial. Acho que, se nós conseguirmos fazer isso em sala de aula, estaremos contribuindo para uma formação mais crítica, mais criativa desse estudante E, assim, preparando o jovem para ver o mundo sob olhares diferenciados, e a encarar a complexidade do real.

2. A ação do professor em sala de aula é dirigida e está dirigida por

racionalidades e, ao mesmo tempo, a relação entre o conteúdo planejado (racionalizado) e os aprendizes é impulsionada por sentidos, comporta valores e culturas. Como pensar a relação entre razão (racionalidades) e emoção (sentidos) no processo de ensinar e aprender Geografia nos diferentes níveis de escolaridade?

Eu diria que um dos impasses da escola diz respeito ao fato de que, tradicionalmente, essa instituição não trabalha com as emoções. Então, nós valorizamos a tal ponto a razão, a racionalidade, que nós esquecemos que, digamos assim, o que impulsiona a razão, em última análise, é a emoção... ou... sentimentos do ser humano de uma maneira geral. Mas a escola, principalmente a universidade, é o domínio da razão. Ela está fechada para tudo aquilo que não diz respeito à razão. Isso você verifica, talvez de maneira mais acentuada, na avaliação. Na avaliação, eu não observo os sentimentos, as reações, as possíveis reações emocionais do aluno. Eu levo em conta as habilidades cognitivas. É

evidente que as habilidades cognitivas são extremamente importantes, mas nós esquecemos que essas habilidades têm uma relação com a emoção. Emoção seria a energia que propiciaria o desenvolvimento das habilidades cognitivas. É interessante observar que, desde o início do processo de escolarização, a criança aprende, na verdade, a não manifestar os seus sentimentos. Isso em todos os aspectos; não manifestar os seus sentimentos enquanto um ser em desenvolvimento, e também não manifestar os seus sentimentos em relação a um conteúdo qualquer. Porque é evidente que existem situações históricas que provocam reações de ordem sentimental e que são extremamente importantes, inclusive para a compreensão daquele fenômeno, daquele processo em nível cognitivo. Mas nós não abrimos a porta para isso. Eu diria que nós fechamos a porta. É por isso que eu considero que o não trabalhar as emoções é um impasse da escola. Nós falamos constantemente na necessidade de modificarmos a escola, de modificarmos o processo ensino-aprendizagem. Mas me parece que

nós esquecemos, nesse conjunto de modificações que todos queremos fazer, esquecemos que as emoções deveriam ter um lugar, que nós deveríamos conceder espaço-tempo para a manifestação das emoções. E, a meu ver, isso seria um ganho para o processo ensino-aprendizagem como um todo. Eu tenho dificuldade de entender o processo ensino-aprendizagem sem levar em conta a emoção. Mas, enfim, a escola ignora a questão da emoção. E, à medida que avançamos nos graus escolares, fica como que implícita uma desvalorização do emocional; a racionalidade ocupa todo o espaço, todo o tempo. Tanto assim que nós não trabalhamos o lúdico na escola ou, então, quando o lúdico é trabalhado na escola, ele o é na pré-escola e, nas séries iniciais, esse processo, de uma maneira geral, é abortado. Ora, o lúdico faz parte do processo ensino-aprendizagem. Por que a escola insiste em desprezar o lúdico? Penso que, quando falamos em emoção, nós deveríamos fazer uma ponte com o lúdico. E o que temos a respeito do lúdico é, infelizmente, pouca coisa desenvolvida na escola: por quê?

Exatamente porque a emoção não tem lugar na escola; a racionalidade toma conta na escola. É a racionalidade que conta. Outra coisa extremamente importante diz respeito à não valorização da arte; pelo menos é essa a impressão que eu tenho. E, digamos, na Geografia, e em outras disciplinas, nós poderíamos, por meio de trabalho interdisciplinar, valorizar a arte.

E a arte em todas as suas esferas, inclusive a arte na dimensão nacional. O que que os nossos alunos aprendem a respeito da arte brasileira? Se eles não aprendem, alguma coisa está errada. E, na verdade, a escola não investe na arte... eu sei que existe, teoricamente, uma especialidade que se ocupa disso, mas, de qualquer maneira, não me parece que essa disciplina específica (não sei nesse momento a terminologia dessa disciplina) consiga fazer o gancho entre a emoção e a manifestação artística dessa emoção. Eu sinto uma lacuna. O nosso aluno não conhece a arte brasileira e, evidentemente, isso também contribui para uma

desvalorização da cultura nacional. Você não valoriza aquilo que você não conhece. A escola, me parece, é o espaço em que se poderia, também, trabalhar a questão da arte. E a Geografia poderia trabalhar essa questão. Veja, quando acontecem episódios bárbaros ligados à guerra, mas não somente à guerra; afinal, existe uma guerra cotidiana... na guerra do cotidiano, você tem como trabalhar seus aspectos fazendo relações com a arte; aliás, é uma maneira de você de repente estimular o aluno a se interessar pelo conteúdo que você está desenvolvendo em sala de aula, porque as cenas de rua são plenas de poesia (nem sempre são plenas de poesia!), mas as cenas de rua são arte, elas retratam uma situação social, que pode ser retrabalhada sob uma perspectiva artístico-cultural. E, se nós conseguimos trazer isso para a sala de aula, em Geografia, ou em trabalhos interdisciplinares, me parece que poderíamos estimular ou motivar o aluno a se interessar pela Geografia, que nós poderíamos estimular a sua sensibilidade para com os dramas

do cotidiano. Essa dimensão é pouco trabalhada na escola, e no ensino de Geografia também.

3. As tecnologias da comunicação, desenvolvidas nos últimos trinta anos, têm proporcionado a análise do espaço geográfico por meio do plano virtual. Como a senhora acha que os professores de Geografia do ensino fundamental e médio devem abordar a questão do espaço virtual tecnológico com os alunos no processo de ensino e aprendizagem ?

Eu temo que os professores compreendam por análise do espaço geográfico por meio do plano virtual programas apresentados pela televisão, e aí, com exceção dos documentários (temos que fazer essa ressalva), a impressão que eu tenho (eu quase não assisto televisão) é de que os programas que interessam, regra geral, ao professor de Geografia, ficam na superficialidade das questões apresentadas ou abordadas. Então, meu receio é de que, inclusive, este espaço virtual seja encarado como espaço real, até porque nós não temos o hábito de fazer uma reflexão a respeito do que ouvimos, do que

vemos, do que recebemos por meio das comunicações, das diversas formas de comunicação. Não temos o hábito da reflexão, nós não temos o hábito de nos fazermos questões. Então, eu não sei se o professor entende o espaço virtual como uma virtualidade, e se ele se preocupa em estabelecer as relações existentes entre esse espaço virtual e o espaço real, quando é o caso. Será que há relações? Se essas relações existem, quais são? Qual seria a proximidade entre esse espaço virtual e o espaço real? Quais seriam essas possibilidades? O professor trabalha com isso? Eu diria que uma primeira pergunta seria se o professor está sensibilizado para trabalhar com isso. O aluno, por sua vez, está preocupado em discutir aquilo que ele está vendo. Como é que ele recebe a mensagem? Ele interpreta a mensagem? E, na sala de aula, existe um diálogo crítico entre professor e aluno a respeito do espaço virtual? Eu não sou especialista na questão, mas o espaço geográfico, nessa perspectiva do plano virtual... não se

avança muito, e o meu receio é exatamente esse. Nós sabemos que existem alguns programas que são muito assistidos pelos professores, que os professores recomendam aos seus alunos. A meu ver, esses programas não atendem as necessidades dos alunos, as necessidades de aprendizagem dos alunos... deixam muito a desejar, porque eles simplificam demasiadamente a realidade, porque acabam privilegiando a imagem, e essas imagens não são causais, essas imagens escolhidas encobrem muita coisa e não sei se o professor está sensibilizado para trabalhar nessa perspectiva. Perspectiva de questionar, de criticar. Eu tenho muitas dúvidas a esse respeito. Eu não sei em que medida isso contribui para fazer avançar o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula.

4. As ciências sociais estão vivendo um período de intensa crise epistemológica. Nesse sentido, como a Professora avalia a Geografia brasileira? Estamos diante de ausência de paradigmas ou diante de

diversidade de paradigmas?

Eu não sei se a questão da Geografia brasileira, hoje, diz respeito a paradigmas. Existem vários paradigmas. Eu penso que a questão que se coloca é de uma multiplicidade de alternativas metodológicas. E quando eu falo em multiplicidade de alternativas metodológicas, estou pensando no paradigma representado pela Geografia Crítica. Existe uma Geografia crítica ou existem várias Geografias críticas? A meu ver, existem várias Geografias críticas. Sem dúvida alguma, a Geografia crítica é um paradigma. Mas esse paradigma se desdobra, se apresenta sob diferentes alternativas metodológicas. Então, eu diria que a questão não é ausência de paradigmas, eles estão aí. Existem alguns paradigmas que nós podemos identificar sem dificuldade, mas, de qualquer maneira, eu diria que são as diferentes opções metodológicas que permeiam o debate na Geografia brasileira. A discussão, a meu ver, não se dá em torno de paradigmas, mas a discussão se dá em relação às opções metodológicas, às alternativas metodológicas e,

realmente, é importante destacar que há uma pluralidade de alternativas metodológicas. Eu diria que o debate, hoje, se dá em torno de alternativas metodológicas.

5. Como a Professora vê o trabalho de avaliação do livro didático pelo MEC (Ministério de Educação e Cultura)?

Em primeiro lugar, eu gostaria de deixar claro que eu sou a favor da avaliação do livro didático. Aliás, eu sou a favor da avaliação do trabalho docente, do trabalho discente... Avaliação, a meu ver, é algo importante, é algo que pode contribuir para rever posições. Então, sou a favor da avaliação do livro didático. Há mais ou menos quarenta dias saiu a avaliação do livro didático - PNLD 2002. Eu tenho poucas informações, embora seja uma pessoa interessada; por exemplo, desconheço os critérios de organização das equipes (ou da equipe) de avaliadores. Penso que, além dos professores, os estudiosos, os pesquisadores do ensino de Geografia e do livro didático em particular deveriam ser ouvidos pelo MEC. Hoje, nós temos um número significativo de trabalhos acadêmicos, seja dissertação de mestrado, seja tese de doutorado,

temos pesquisadores que escrevem artigos a respeito do ensino de Geografia e do livro didático... eu considero que eles deveriam ser ouvidos. Deveriam fazer parte desta(s) equipe(s). Mais uma vez, eu sou a favor da avaliação do livro didático. Até porque esta avaliação faz com que você repense o seu próprio livro, mas eu considero que o MEC precisa reavaliar os critérios de formação de equipes de avaliadores. De qualquer maneira, me parece que, mais uma vez, os principais interessados não foram ouvidos. Eu considero que aqueles que mais utilizam o livro didático deveriam ser ouvidos, portanto os professores devem ser ouvidos pelo MEC. Que eu saiba, nesta última avaliação, eles não foram ouvidos. Na avaliação feita há alguns anos atrás (1998), eles também não foram ouvidos... Então, é alguma coisa que me preocupa. Porque, afinal de contas, o livro didático é um instrumento de trabalho. Quem utiliza este instrumento de trabalho? São os professores (além dos alunos) e, como tal, eu entendo que eles têm o direito de avaliar. Até porque são eles que escolhem e a escolha do livro didático implica em uma avaliação, preliminar. O

professor tem razões, motivações. Por que ele escolheu esta coleção e não aquela coleção? Ora, essa é uma avaliação preliminar... por que não ouvi-lo? Eu também me pergunto se os alunos não deveriam ser ouvidos. Em relação ao Ensino Médio, não vejo problema maior em abrir a avaliação para o aluno. Nas demais séries, considero que esse processo é mais complicado. Mas, enfim, no Ensino Médio... por que não? No Ensino Médio, o aluno já se encontra na fase do desenvolvimento lógico abstrato... por que ele não avalia o livro que está usando?

6. O seu livro e do Professor Vesentini, "Geografia Crítica", foi o pioneiro trazendo a Geografia renovada e crítica para a sala de aula. Hoje os/as professores/as contam com algumas coleções de livro didático que seguem a proposta de compreender as relações sociedade-espço e se diversificam na perspectiva de enfocar o conteúdo teórico-metodológico da Geografia. Como a Professora avalia o contexto atual do livro didático destinado a Geografia e a relação entre professores/alunos e

o livro didático?

O Livro Didático me parece um recurso extremamente importante. Ele é um recurso extremamente importante para o desenrolar do processo ensino-aprendizagem. Ou seja, é um recurso de que professores e alunos têm necessidade para o desenrolar de suas atividades específicas. Apesar disso, eu não considero que o livro didático seja o único recurso. Ele é um dos recursos. Talvez seja o mais importante porque o livro didático, afinal, implica em um esforço de sistematização de conhecimentos, tem uma lógica, tem uma estrutura lógica. Existem livros didáticos que têm uma proposta metodológica... por conseguinte, é uma referência para o aluno, e é uma referência porque se trata de um material elaborado segundo as regras do método científico, em última análise. Então, veja, é um recurso que permite, a meu ver, ao aluno aprender a escrever, contribui para que ele melhore sua redação, propõe alternativas para que ele faça uma leitura do mundo, propõe alternativas para que ele compreenda a complexidade do mundo. Eu não estou pensando só no livro didático de Geografia,

neste momento eu estou pensando nos livros didáticos em geral, inclusive na área da Matemática. Existe uma estrutura lógica que aparece, que é abordada de alguma maneira nos livros de Matemática. De maneira que eu penso que o livro didático contribui para o desenvolvimento cognitivo do aluno; é um recurso extremamente importante para desenvolver as habilidades cognitivas do aluno. E, por outro lado, ele também pode contribuir para desenvolver as habilidades artístico-culturais, porque o livro é um manancial extremamente rico das experiências artísticas, da vida cultural, das diferentes sociedades ao longo da história. Sou a favor da utilização do livro didático porque, de alguma maneira, ele sintetiza o como se apropriar da realidade do mundo, o como interpretar, o como fazer uma leitura do mundo. Agora, evidentemente, para que isso aconteça na prática, para que o livro didático seja um instrumento que permita ao aluno fazer uma leitura do mundo, é preciso que o professor esteja preparado para trabalhar o livro didático. Dada a precariedade da formação do professor, muitas vezes ele não está preparado para trabalhar com o livro didático.

Porque o livro didático não pode ser encarado como o meu norte na sala de aula. Eu, professor, não posso esquecer que sou o sujeito do processo ensino-aprendizagem, e que o livro didático é um objeto que está a meu serviço. Um objeto extremamente útil. Que poderá contribuir para o desenvolvimento dos meus alunos, poderá fazer com que eles se entusiasmem, cresçam, mas eu tenho que saber trabalhar este livro. Então, o olhar do professor para o livro didático, a maneira como o professor trabalha com o livro didático, isso é extremamente importante, o professor precisa estar preparado para trabalhar com o livro didático. Eu diria preparado no sentido de alguém apaixonado pelo livro didático, por esse recurso, e, ao mesmo tempo, preparado para fazer uso de outros recursos. Até porque o livro didático tem limitações. Veja, as relações sociais se encarregam de criar situações novas a cada segundo, em termos de mundo. O livro didático, por mais atualizado que seja, por melhor que seja, sempre estará defasado em relação à dinâmica da sociedade, do mundo. E aí cabe ao professor utilizar outros recursos, cabe ao professor aliar outros recursos ao

livro didático. Um bom livro didático, eu acredito, possibilita ao professor discutir as mudanças que estão acontecendo hoje. Certamente, um bom livro didático dá o "chão", oferece embasamento para que o professor faça isso. Então, o livro didático é um instrumento de trabalho, talvez o mais importante, por que não?, mas o professor é o sujeito do processo ensino-aprendizagem. Cabe ao professor aproveitar as possibilidades que um bom livro didático oferece. Um bom livro didático é aquele que permite que o aluno compreenda o meio em que vive, que ele faça uma reflexão a respeito da sociedade, do mundo.